



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O GIGANTE VERDENEGRO

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑÉ

(Continuado do número anterior)

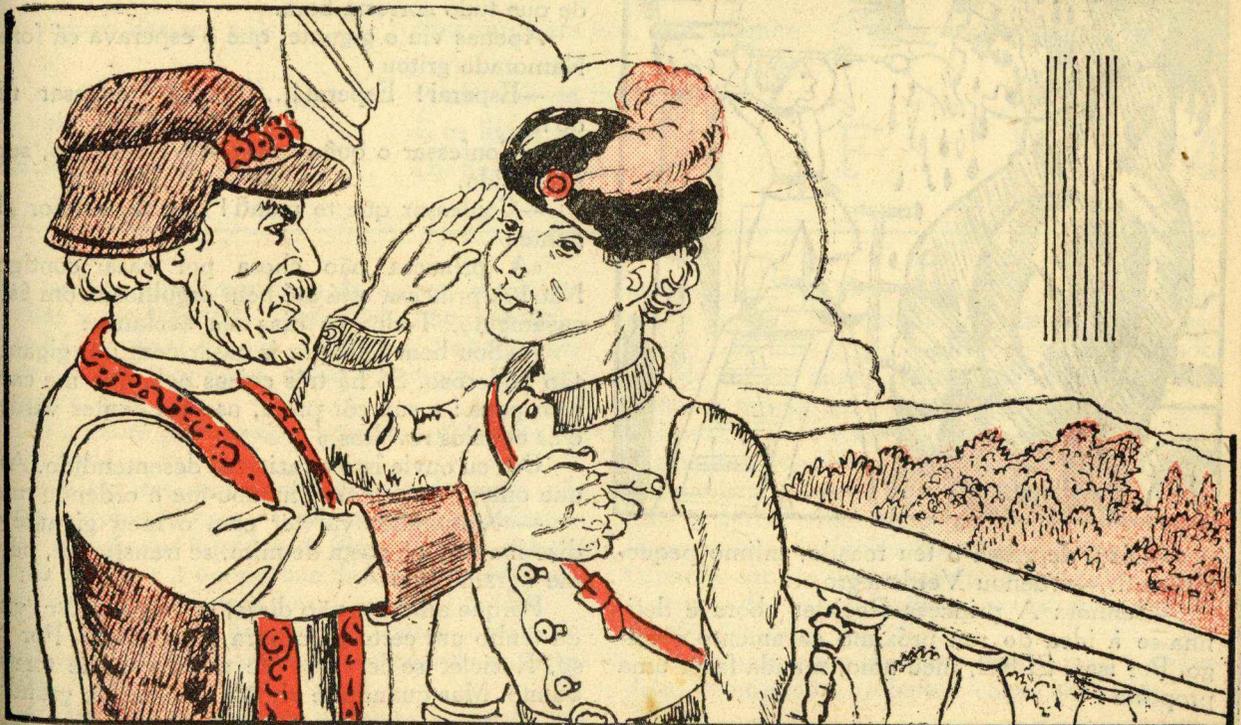
A princesa Rosiclér andava triste e acabrunhada. Nunca mais, depois do dia fatal em que encontrara o gigante, alguém a vira rir. Cheia de terror via aproximar-se o fim do prazo que Verdenegro estabelecera para ela ser sua esposa.

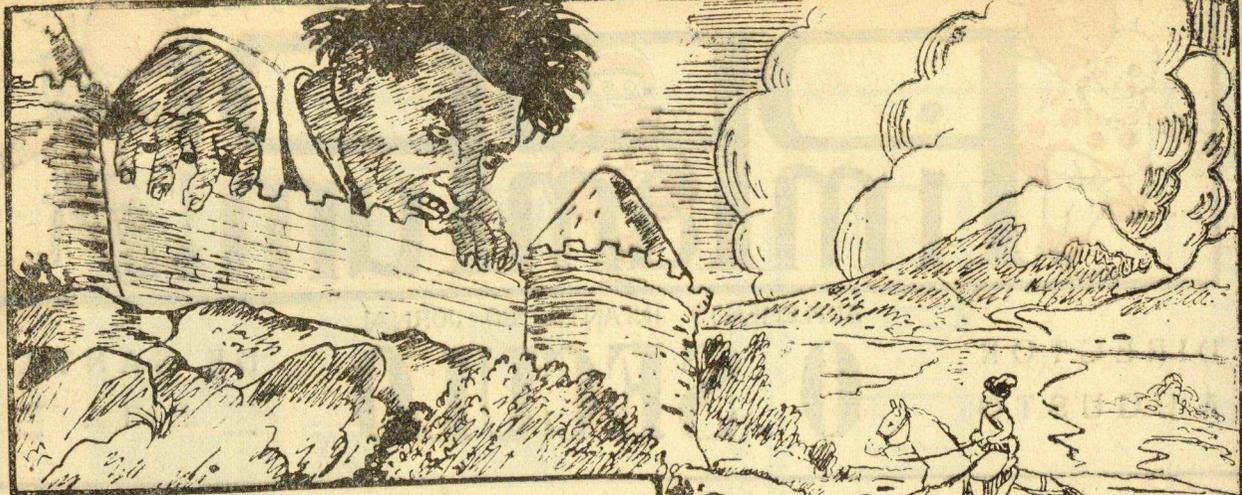
O rei, pai de Rosiclér, não queria, de forma alguma, aceitar o sacrifício da filha. Esta é que, sabendo que Verdenegro cumpria sempre as suas promessas, desde que se tratasse de qualquer maldade, deliberara aceitar o gigante por marido.

Evitava, assim, que êle arrazasse a cidade e matasse o seu pai.

Ora, entre a comitiva real, havia um pagem muito esperto, muito vivo. Adorava Rosiclér. E sofria intensamente com a tristeza dela. Por isso, um dia, o rei, sabedor da paixão de Namorado—assim se chamava o pagem—pela linda princezinha, foi ter com êle e disse-lhe:

—Namorado: monta no teu cavalo e vai dizer ao gigante Verdenegro que, se desistir de casar





com a princesa, lhe darei metade do meu reino...»
 Namorado ficou satisfeitiíssimo com a incumbência do rei. E daí a pouco punha-se a caminho, em direcção à Montanha Azul.

Ainda ia a meio da encosta, quando ouviu a voz do gigante, a tal voz de trovão:

—Quem vem lá?

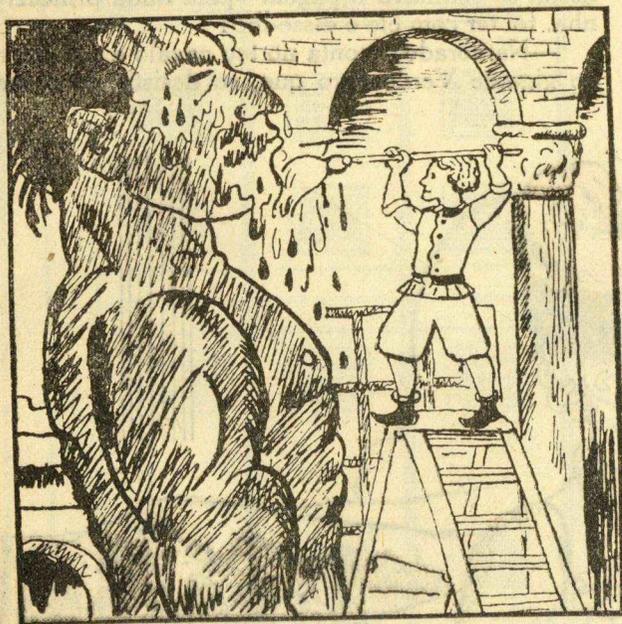
—O pagem Namorado...

—Que desejas?

—Falar ao senhor gigante, por ordem de El-Rei!...

—Podes subir!...

Namorado continuou o seu caminho. E, apenas chegou junto à porta da muralha, notou que esta se abria, de par em par. Entrou. Mas, ao vê-la na sua frente o gigante, não pôde conter um estremecimento.



—Dize, depressa o teu recado, infimo pequenitades!...—ordenou Verdenegro.

—Senhor: A princesa Rosicler chora e definiha-se à idea do seu próximo casamento contigo. Por isso, El-Rei, meu amo, manda fazer uma proposta:

Em troca da tua desistência do casamento, te dará metade do seu reino!...

O gigante carregou o sobrôlho e respondeu:

—Amo a princesa e não temo o rei. Sou o gigante mais poderoso da terra. E, para mostrar que vos não receio, vou mandar-te matar.

Mas, com és tão pequeno, tão insignificantezinho, nem, sequer, mereces um sôco da minha mão. Contudo, não perdes pela demora, meu pedaço de gente. Amanhã, de madrugada, mandarei enforcar-te...

E ordenou aos soldados que metessem o pobre pagem numa escura prisão.

Namorado não perdeu a cabeça. Toda a noite pensou na forma de escapar à morte e salvar a princesa. E, quando de madrugada vieram buscá-lo, para o enforcarem, o pagem estava convencido de que tudo correria bem.

Apenas viu o gigante, que o esperava cá fora, Namorado gritou:

—Esperai! Esperai!... Quero confessar tudo!...

—Confessar o quê—indagou Verdenegro, surpreendido.

—Confessar que te menti! Escuta, senhor gigante:

«A princesa não chora por casar contigo. Não! A princesa está até bem orgulhosa com êste casamento. Todos os dias ela exclama:

—«Sou bem feliz por ir casar com um gigante tão poderoso. Só há três coisas nele que me causam pena: a sua côr preta, os seus dentes verdes e os cabelos revôltos.»

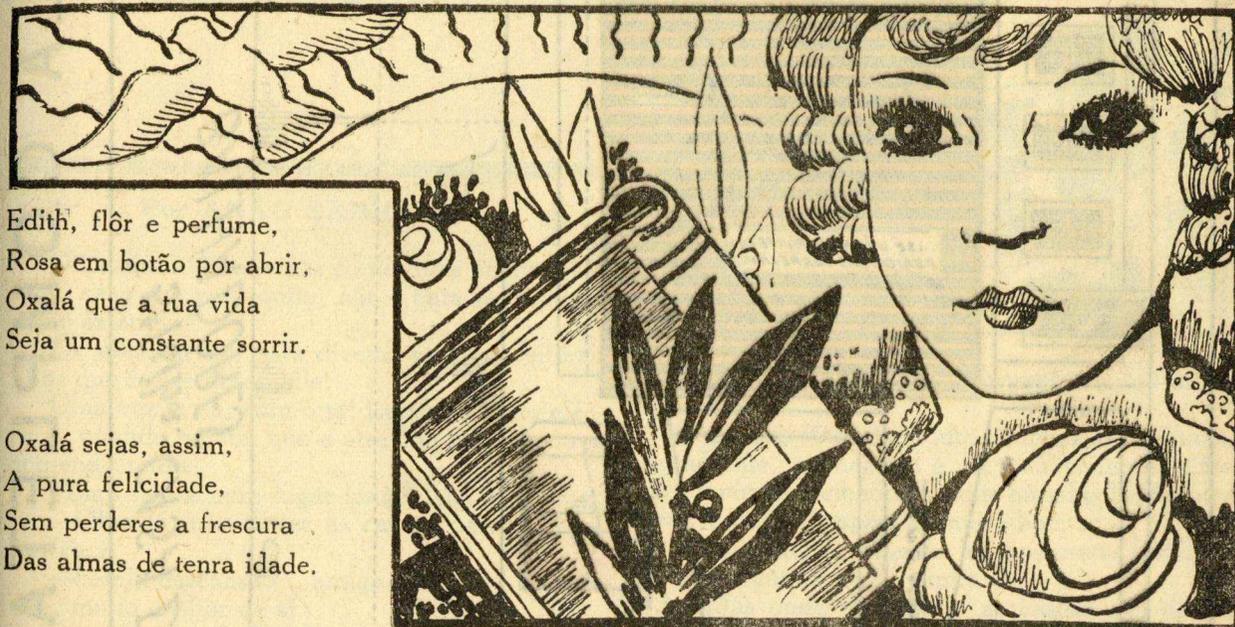
Ora eu ouvia isto e fazia-me desentendido. Até que ontem a princesa chamou-me e ordenou-me:

—«Namorado, vai ter com o meu gigante e dize-lhe que, se gosta de mim, se transforme, para me agradar!...»

Porque ainda te não disse, senhor gigante, que eu tenho um certo jeito para caracterizar. Por isso, Rosicler se lembrou de mim, para te tornar bonito. Mas quando te vi, tão grande, tão grande,

VERSOS INFANTÍS

◆ Por ALFREDO BROCHADO ◆



Edith, flôr e perfume,
Rosa em botão por abrir,
Oxalá que a tua vida
Seja um constante sorrir.

Oxalá sejas, assim,
A pura felicidade,
Sem perderes a frescura
Das almas de tenra idade.

Não há vida como aquela
Que tens agora, sem ais,
Debruçada na janela
Do regaço dos teu pais.

A vida morre, murmura
Ao redor sem esperança...

E nada agita ou perturba
O teu sono de criança.

Mas surge em nós, num momen-
to,

A alta flôr da ilusão,
E os livros são o sustento
Da nossa imaginação.

Por isso, desde criança,
Pensa bem no que te digo:
Em cada livro nós temos
O nosso melhor amigo.

F I M

eu, que sou um preguiçoso de marca, resolvi inventar aquela história, para me não maçar!... Sim! Desculpa! E' que, para ficar trabalho perfeito, vou cansar-me a valer e demorar bastante tempo!...

O gigante Verdenegro acreditou piamente em Namorado.

—Visto isso, minha migalhinha de gente, não serás enforcado hoje. Terás que me transformar para eu agradar à princesa. Mas se julgas que poderás demorar o tempo que te aprouver, estás enganado. Dentro de três dias quero estar pronto.

—Está bem, senhor gigante. Farei como ordenas!—respondeu Namorado, curvando-se reverente.

Pouco depois, o pagem encetava a transformação de Verdenegro.

Principiou por mandar encher de farinha a

enorme banheira do gigante. Em seguida, misturou à farinha cem alguidares de grude. Mexeu aquilo com uma grande colher de ferro, deitando-lhe, de vez em quando, uma porção de água, para tornar a massa menos espessa. Mandou vir uma vassoura e, com o auxílio desta, começou a pintar o gigante. Êste, suportou com grande paciência o tratamento. Apenas quando Namorado lhe pintava o nariz, como umas palhas da vassoura se tivessem introduzido nas narinas, Verdenegro deu tamanho espirro que o pagem foi projectado ao ar e, depois de três cambalhotas no espaço, veio cair no mesmo sítio.

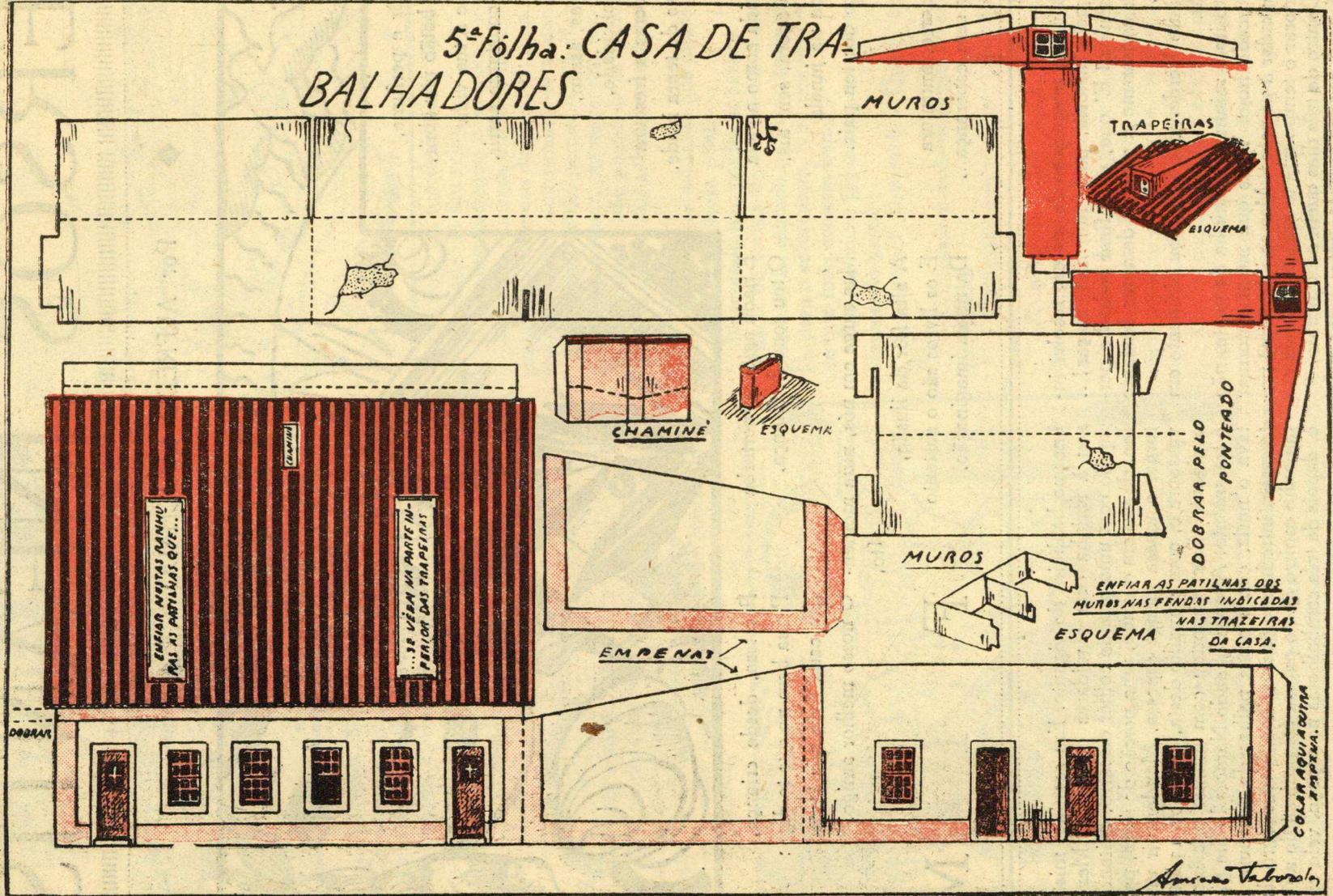
Levantou-se um tanto atordoado, mas, a-pesar-disso, continuou a trabalhar como um catita.

(Continua no próximo número)

UMA VILA COMPLETA ■

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

5ª-folha: CASA DE TRABALHADORES



BRF
1 milim. um.



GAROTICES

◆ Por ANÃO SABICHÃO ◆

O Luizinho é traquinas como mais nenhum!... O caso que vou contar, não é para ser tomado como exemplo!

E', unicamente, para divertir os meus leitorzinhos que me lembrei dêle.

Uma vez ia eu, com o tal Luizinho, num eléctrico, quando reparei que o atrevido garoto estava comendo nozes.

Como ficara num lugar longe dele, gritei-lhe:

—Olha lá, não deites as cascas para o chão, ouviste?

—Esteja descansado, amigo Anão! — respondeu, muito senhor de si.

E, numa grande barulheira, continuou a partir as suas nozes e a comê-las, com um ar muito satisfeito.

Eu não o perdia de vista, pois estava sôbre picos, sem perceber o que êle fazia às cascas.

Na última paragem de Benfica, saímos juntos.

Tínhamos combinado uma passeata ao Parque Silva Porto.

Um lindo sítio, que todos os meus amiguinhos, certamente, conhecem, e, se não conhecem, fazem favor de conhecer, porque há ali belas árvores com sombra e respira-se muito bom ar.

Pois, como ia dizendo, ao apaar-me, tratei logo de perguntar ao Luizinho:

—Mas onde deitaste tu as cascas das nozes, meu mafarrico?

—Ora, onde as deitei, sr. Anão? Na algibeira do sujeito que ia ao meu lado! Olhe lá vai êle, não vê?—disse, apontando para um homem que seguia ao longe.—Vai um nadinha curvado; é do pêso que leva na algibeira!

E o Luizinho, ria, ria, radiante com a partida que prepara!

Vergonha é confessá-lo, mas êste anão também fez côro com êle, apesar de saber que o Luizinho o que precisava era um bom puxão de orelhas!

* * *

De vez em quando, vou passar um bocadinho do dia, com alguns dos meus amiguinhos e, já se



vê, brinco com êles, como se fôsse da sua idade.

Aconteceu em casa do Quim, por quem eu tenho um certo fraco, combinarmos brincar ao Jardim Zoológico.

Vieram vários meninos conhecidos, para fazer da bicharia e todos êles imitavam os rugidos, os roncões, os uivos, os ganidos, zenidos, latidos, dos animais, numa inferneira ensurdecadora.

—E eu, que bicho sou?—preguntei ao Quim, que era o organizador da brincadeira.

—Você, seu Anão—respondeu-me o maroto, prontamente—vai fazer de visitante, para dar bôlos e açúcar aos animais do jardim!

Calculem de que fôrça é êste menino Quim!

* * *

Este caso passou-se com dois irmãos, de quem eu sou muito amigo, a-pesar-do mais novo, o Chiquinho ser bastante agarrado às suas coisas e tão glutão que não gosta de repartir nada com o António, que é o irmão mais velho.

Mas até por isso, êste Anão, anda sempre com o ôlho nele, na esperança de que, à fôrça de paciência e convicção, consiga que o amigo Chiquinho se torne um rapaz generoso, de bons sentimentos.

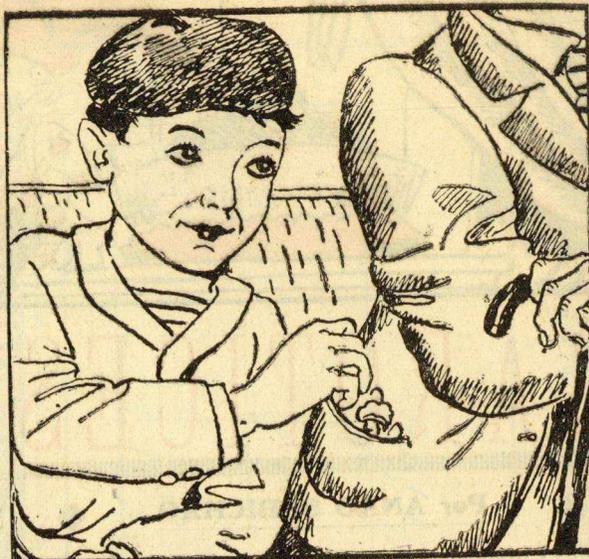
Mas esta sua resposta, que passo a contar, mostra, ainda, bem, como vem longe a cura do tal defeito tão feio!...

O que tem é graça, e é por isso que o vosso Anão vem aqui narrá-la.

la eu dividir pelos dois irmãos um bolo, quando o Chiquinho, pondo nêles os olhos gulosos, me disse, muito sôfrego:

—Amigo Anão, dê-me a parte maior, sim?

—Porquê, Chiquinho? Até, por direita razão,



a parte maior deveria pertencer ao António, que é o mais velho de vocês dois.

—E vai o espertalhão do Chiquinho não se me sai com esta!

—Isso é que não! Ele por ser velho, já come bolos há mais dois anos do que eu!

Confesso que, a-pesar-de sabichão, fiquei de cara à banda, mas perdido de riso, ao ouvir tal!

* * *

Ainda vai mais outra.

Esta aconteceu com um garoto, de quem nem sei o nome, mas achei tão divertido o seu raciocínio que o retive na idea.

O tal garoto entrou numa padaria a pedir um pão.

—Quanto é?—preguntou.

—Um escudo.

—Mas olhe que o pão não está bem pesado—disse êle, para o padeiro, ao verificar que a balança pendia para o lado do pêso.

—Não te importes. Leva-te menos tempo a comer—respondeu o padeiro, com ar de troça.

—Tem razão!—exclamou o garoto, tirando da algibeira noventa centavos, que pôs sôbre o balcão.

Faltam dez centavos—diz-lhe o padeiro.

—Não se importe. Leva-lhe menos tempo a contar.

E foi-se embora.

Parece-me que todos êstes ditos e feitos os devem ter divertido. Não é assim, meus amiguinhos?

F I M

CONCURSOS CHARADISTICOS

SECÇÃO RECREATIVA

Número 1 — 1.º Concurso

PARA OS MENINOS COLORIREM

LOGOGRIFO

1) Eh! malta, eh! malta, eh! malta,
Tende sempre *animação* — 10-5-8-7-2
Pra acabar isto sem falta — 9-12-4-8-
12-3-1-8-10

E apurar o campeão!

Será este? Aquel' será?

Não se tem a convicção... — 3-10-3-10

O colega saberá — 1-5-3-4-6-10-11-12

Co' um pouco de *resignação*.

Montemór-o-Velho — John Biffe (C. C. C.)

CHARADAS EM FRASE

2) Este homem tem uma *doença* na *epiderme* cuja causa foi a arranhadura dum gato. — 1-1.

Tomar — A. Seravat.

SINCOPADAS

5) Este *môço de jrc'tes* ou me engano muito ou é *tartamudo* — 3.

Tomar — A. Seravat.

4) Este «*crustácio*» foi encontrado dentro duma *caixa de fôlha* — 3.

Setúbal — Bêu.

5) A *pancada* com a *garrafa* causou-me *desarranjo mental* — 3.

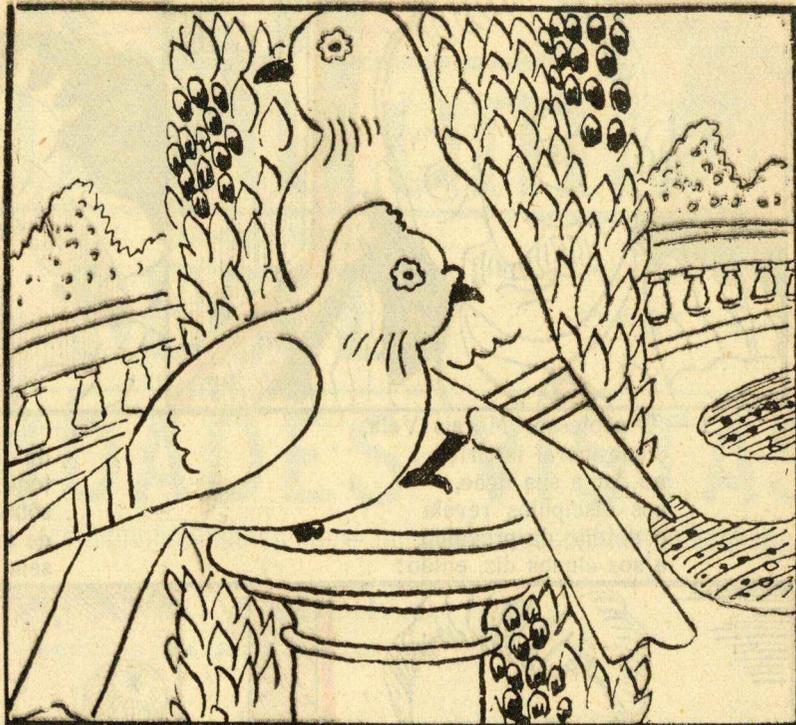
Portalegre — Sir *Mistério*

COMBINADA

6) + *ta* = Ponto cardeal.
+ *vas* = Escuridão.
+ *fra* = Terra.
+ *ro* = Rijo.
+ *to* = «Roedor».

Conceito: Província portuguesa.

Leiria — Ramon Navarro.



EM LOSANGO

```

      *
    * * *
  * * * * *
 * * * * *
  * * * * *
    * * *
      *
    
```

Leiria — Ramon Navarro.

ENIGMA TIPOGRÁFICO

```

      C
    _____
      NOTA
    
```

9 Letras

Montemór-o-Velho — John Biffe (C. C. C.)

MAÇADA GEOGRÁFICA

9) O Chalet Rodão.

Setúbal — Lucas.

PREGUNTAS ENIGMÁTICAS

10) Qual é a terra portuguesa que é também uma embarcação pequena?

11) Qual é o afluente português que conspirou contra D. José?

Medelim — António Freire.

COLABORAÇÃO INFANTIL

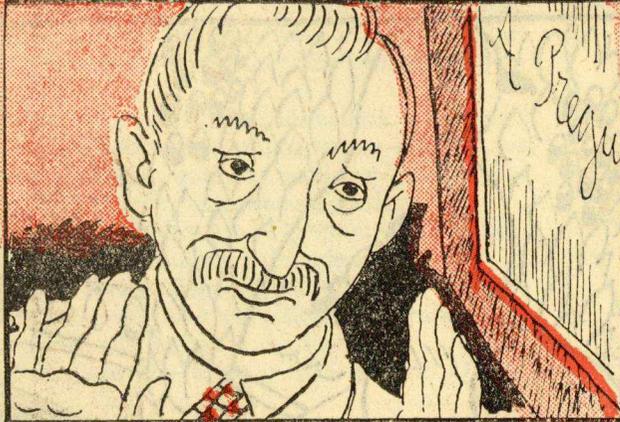
CONCURSO DE DESENHO



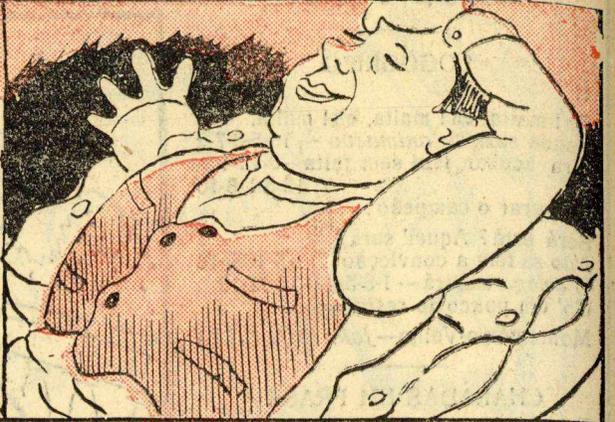
Padres Inglesinhos. Desenho do menino Alfredo António Andrade, de 7 anos de idade.

Havendo-se procedido ao anunciado sorteio entre os sete concorrentes classificados no nosso CONCURSO DE DESENHO, coube o direito à publicação do respectivo retrato, na *Galeria de Honra* do nosso suplemento, aos meninos Fernando Correia, Maria Irene Tomaz e Francisco Lopes de Sousa, cujas efigies ficamos aguardando nesta redacção.

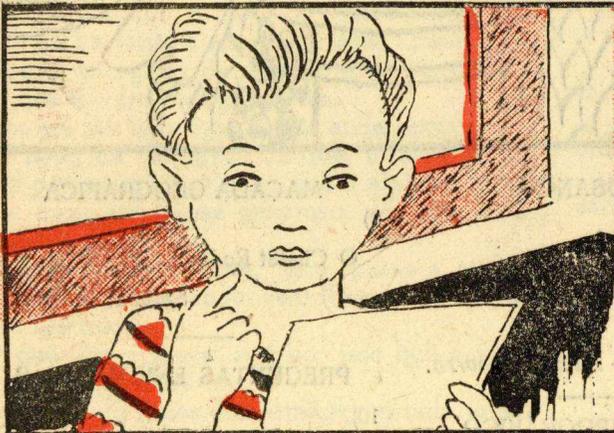
UM TEMA SÔBRE A PREGUIÇA



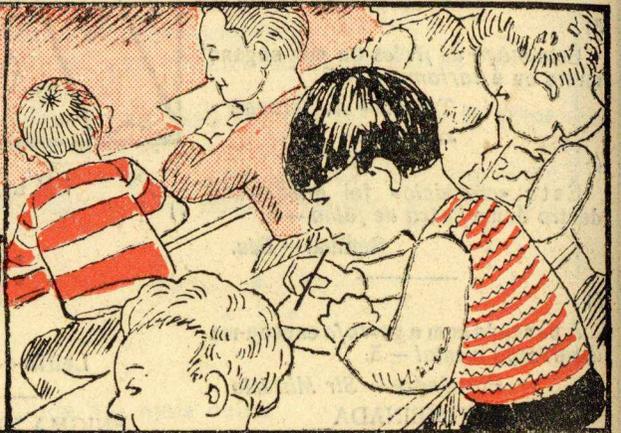
I — O professor Moraes Vela, duma moral inteiriça, ao dar a sua lição, aos discípulos revela o defeito da preguiça, e aos alunos diz, então:



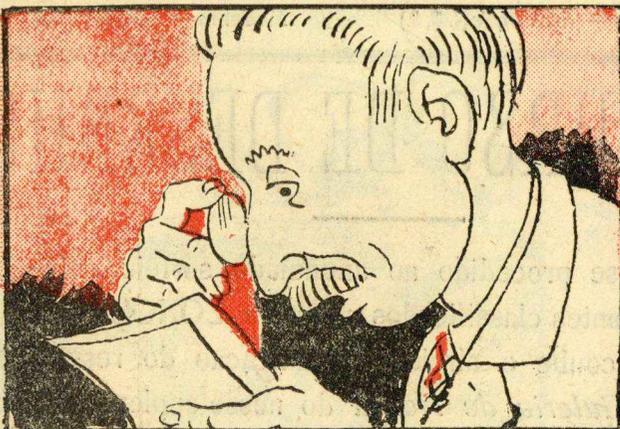
II — «Nada existe de mais teio do que no mundo passar toda a vida em devaneio, sôbre almofadas; em suma, de barriga para o ar, sem fazer coisa nenhuma!



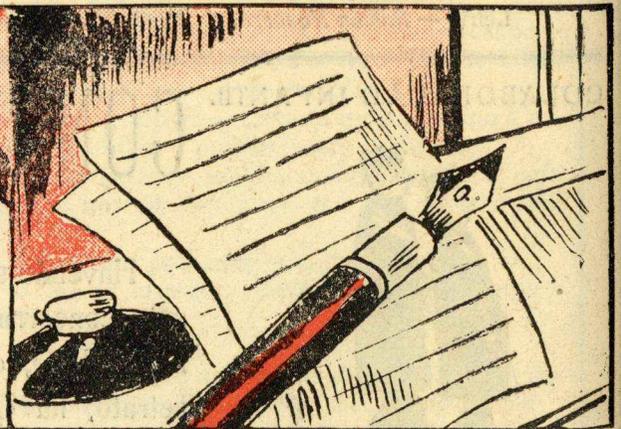
III — Compreenderam?! Porém, para que eu fique sabendo — (e a todos faça justiça) que compreenderam bem, vão num papel escrevendo o que entendem por Preguiça.»



IV — Chiquinho, que logo pega no seu caderno escolar, fica a puxar do bestunto... enquanto cada colega, sem um momento hesitar, desenvolve o dado assunto.



V — Mas qual não é a surpresa, o espanto do mestre, quando Chiquinho, risonho e franco, chegando-se ao pé da mesa do professor, diz, mostrando o seu caderno inda em branco:



VI — «Já pode fazer justiça!...»
— «Mas aqui, meu maluquinho, nada está!» — o mestre brada.
— «Pois não!» — responde o Chiquinho) — um tema sôbre a Preguiça consiste em não fazer nada!»